

Reservas contra empréstimos têm pouco efeito nos bancos credores

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

Embora as estatísticas disponíveis sobre reservas dos bancos dos EUA contra seus empréstimos a países em desenvolvimento sejam disputadas, o novo requerimento de 50% de reservas para empréstimos ao Brasil "não deve afetá-los. Os bancos estão sendo mais conservadores nisso do que o governo dos EUA", disse ontem a este jornal o diretor de pesquisas da IBCA Inc, Mark Gross.

O mercado financeiro assumiu ontem que o comitê intergovernamental de agências que examina o risco de créditos soberanos (Inter Agency Country Exposure Risk Committee — Icerc) determinou aos bancos dos EUA o aumento de suas reservas sobre empréstimos ao País, dos 40% fixados no primeiro trimestre de 1991, para 50% agora.

Essa foi a decisão ao nível técnico, segundo apurou ontem o negociador da dívida brasileira, Pedro Malan, em conversa com o novo presidente do comitê assessor de bancos para o País, Mike de Graffenried. O sucessor de Robert McCormick é também um vice-presidente do Citicorp e vinha atuando como assessor direto do executivo internacional sênior do maior banco dos EUA, William Rhodes.

Os chefes da Icerc ainda devem comunicar a decisão formal aos bancos nos próximos dias. Mas, como disse Mark Gross, mesmo que o comitê houvesse decidido aumentar mais as reservas para o Brasil, a nível de 60%, ainda estaria sendo menos cauteloso que alguns grandes bancos.

Sabe-se que o Citicorp aumentou suas reservas

EXPOSIÇÃO E RESERVAS DE BANCOS DOS EUA AO BRASIL E PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO (PED)				
	Reservas totais (PED) em setembro de 1991 sem os descartes (1)	Exposição ao Brasil em dezembro de 1990, US\$ milhões	Empréstimos em atraso, Set 1991	
			Países em desen- volvimen- to (PED) em US\$ milhões	Outros feitos dentro dos EUA
Manufacturers				
Monover	30,8 PC	1,232	1,162	1,572
Citicorp	11,8 PC	3,200	1,789	6,003
Chase Manhat-				
tan	24,8 PC	1,568	1,035	3,405
Bankers Trust	55,8 PC	459	1,513	2,661
Bank of Améri-				
ca	41,5 PC	1,625	1,087	2,022
Chemical Ban-				
king	65,0 PC	914	1,992	2,599
JP Morgan	55,6 PC	903	276	426
Security Pacific	0,0 PC	0	0	2,694

(1) Cálculo feito sobre 100 PC dos empréstimos, mesmo quando os bancos já descartaram contra suas reservas parte desse valor. Os percentuais aqui são para reservas brutas, não líquidas.

Fonte: IBCA INC, Nova York (IBCA Bank Analysis, Londres)

específicas sobre o Brasil para 67,5% do total em setembro último. Isso acontece porque os bancos definem as reservas em seus livros, individualmente, sobre cada país, e os números variam conforme sua percepção de cada risco. Depois é que se somam todos os percentuais para chegar-se à reserva total.

Num estudo sobre as reservas feitas por bancos internacionais contra empréstimos soberanos "problemáticos", Graham Bird (1) explica que "num banco com uma provisão geral de, digamos, 25%, as reservas contra um país da América Latina podem ser tão baixas quanto 5%, enquanto podem ser tão altas quanto 35% contra outro país".

O número de 67,5% de reservas para o Brasil é, mais precisamente, a reserva alocada pelo Citicorp contra o principal título do País, MYDFA, nome formado pela sigla em inglês para "instrumento de depósito do acordo multi-anual" de 1988. Outros títu-

los brasileiros, considerados menos arriscados pelo banco, receberam reservas menores.

Quando se somam todas as reservas inscritas pelo Citicorp contra seus empréstimos aos países em desenvolvimento até setembro último, o valor total também varia conforme o critério. A IBCA Inc considera que as reservas totais somam apenas 11,8% do valor dos empréstimos. O Citicorp considera que somam 43%. A IBCA está considerando as reservas brutas, e o banco, as reservas líquidas. Mark Gross admite que o número do Citicorp "também é válido".

A diferença emerge porque o banco divide o valor das reservas pelo total de empréstimos deduzindo os descartes ("charge offs") contra os valores originais. Para efeito de sua contabilidade nos EUA, os 100% de seus empréstimos originais ao País valem formalmente menos que isso. Mas a IBCA continua calculando as reservas contra os empréstimos originais.

Em parte os critérios são diferentes porque a contabilidade dos bancos dos EUA em relação aos países menos desenvolvidos é tudo menos uniforme. Tome-se a percepção do México depois do Plano Brady, de 1989, nos casos do Citicorp e do Chemical Banking, como exemplo.

O Citicorp entrou com dinheiro novo na renegociação do México e o Chemical Banking, não. O Chemical então transformou seus antigos ativos em bônus com garantias colaterais de letras do Tesouro dos EUA, e em sua contabilidade os títulos do México não são mais incluídos entre os títulos de países em desenvolvimento. O mesmo acontece com seus títulos da Venezuela e do Chile.

O Icerc parece dar suporte à sua decisão, porque não exige reservas dos bancos do país contra títulos do México, Venezuela, Chile e também Uruguai. Mas o Citibank, porque entrou com dinheiro novo, é forçado a manter esses títulos no portfólio de países em desenvolvimento. Qualquer comparação entre as estatísticas para esses dois bancos se tornou, portanto, um mero exercício de aproximação.

O brasileiro Malan, de qualquer modo, prefere não comentar a posição dos técnicos do Icerc. Ele fixou ontem com Mike de Graffenried a data para o reinício das negociações sobre a dívida de médio e longo prazos do Brasil pelas regras do Plano Brady. Será no dia 3 de dezembro.

NOTA

(1) Graham Bird, "Loan-loss provisions and third world debt", essays in international finance num. 176, Princeton University, Nova Jersey, novembro de 1989, pág. 4.